



PARADIGMAS RIVAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTORIOGRAFIA: Ciro Flamarion Cardoso e Keith Jenkins

Simone Varela *

RESUMO

Este estudo apresenta uma discussão entre Ciro Flamarion Cardoso e Keith Jenkins no campo da produção historiográfica. A tônica deste embate se circunscreve à questão da pós-modernidade e suas relações com a historiografia e com a própria História. De um lado a História vista como realidade concreta e comprovável, e de outro, como um discurso fruto da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Pós-Modernidade; Ciro Flamarion Cardoso; Keith Jenkins.

ABSTRACT:

This paper presents a discussion between the ideas of Ciro Flamarion Cardoso and Keith Jenkins in the field of historiographic creation. The center point of this question involves the relationships of post-modernity with historiography and, specially, history. On a corner stays the history, seen as true reality, rightful and possible to prove. On the other hand the same history assumes the shape of a speech resulting from a narrative.

KEY-WORDS: Historiography; Post-Modernity; Ciro Flamarion Cardoso; Keith Jenkins.

INTRODUÇÃO

“(...) a ascensão das modas intelectuais pós-modernas nas universidades ocidentais, particularmente nos departamentos de literatura e antropologia, as quais implicam que todos os fatos com existência pretensamente objetiva não passam de construções intelectuais - em resumo, que não existe nenhuma diferença clara entre fato e ficção. Mas existe, e para nós, historiadores (...). Não podemos inventar nossos fatos. Ou Elvis Presley está morto ou não.” (HOBSBAWM, 1998:18).

* Docente do Departamento de Educação e Ciências Sociais da Unifil.

Estudante do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Mestranda no Curso de Pós-Graduação em História Social na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

A epígrafe acima sinaliza para o debate historiográfico acerca de teorias que podem conduzir determinada produção historiográfica. Sem a pretensão de esgotar tal discussão, o recorte dado no presente estudo, delimita a discussão entre Ciro Flamarion Cardoso e Keith Jenkins, no que se refere ao paradigma pós-moderno de produção historiográfica.

HISTÓRIA VISTA COMO DISCURSO

Ao apresentar o livro de Jenkins, Margareth Rago informa que para este autor, uma das principais rupturas que marcaram a produção do conhecimento histórico foi sinalizada por Foucault em *A arqueologia do saber*. Neste, era questionada a crença de que o documento fosse uma mera transparência da realidade, como também apontava para os efeitos de uma narrativa histórica totalizadora, que acabava por ignorar as continuidades e descontinuidades da História. (Rago *apud* JENKINS, 2001:11). Outras mutações que causaram rupturas na produção historiográfica desde a década de 70, levantadas pelo autor, referem-se às idéias de Hayden White que ensinava que um mesmo acontecimento poderia ser contado sob várias formas literárias que iam além de uma perspectiva classista de origem marxista.

Jenkins é incisivo ao afirmar que a História está atrasada em termos teóricos se comparada com a Filosofia ou a Literatura. (JENKINS, 2001: 18). Isto porque para o autor os historiadores ainda fogem de discursos teóricos, e textos ocasionais sobre a teoria da História não exercem pressão com o mesmo grau e intensidade que muitos textos de teoria literária.

Iniciando sua argumentação, o autor afirma: “(...) *é que a história constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo*. “ (JENKINS, 2001: 23). Circunscrita no plano do discurso, a História tem como objeto de investigação o passado. Este, por sua vez, distingue-se conceitualmente de História. Esta distinção entre História e passado é fundamental para o desenvolvimento de toda argumentação de Jenkins.

“(...) *é que tendemos a perder de vista o fato de que realmente existe essa distinção entre a História e o próprio passado, pois a palavra história cobre ambas as coisas. Portanto, o preferível seria sempre marcar essa diferença usando o termo o passado para tudo que se passou antes em todos os lugares e a palavra historiografia para a História; aqui, historiografia se refere aos escritos dos historiadores*. “ (JENKINS, 2001: 24-25).

A partir de tal distinção, Jenkins afirma que a história é “(...) *um constructo lingüístico intertextual*” (JENKINS, 2001: 26). Neste sentido, o mesmo objeto de investigação é passível de diferentes interpretações por diferentes discursos; e que, até no âmbito de cada um desses discursos, há interpretações que variam e diferem no espaço e no tempo. Os historiadores elaboram ferramentas analíticas e metodológicas para extrair dessa matéria-prima as suas maneiras próprias de lê-la e falar a seu respeito: o discurso. Isto não significa para o autor que inventamos histórias sobre o passado, mas

“(...) *que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a realidade*.” (JENKINS, 2001: 28).

Outro ponto alto na argumentação de Jenkins trata da conciliação entre História e passado. Esta relação aponta para três campos teóricos também distintos: a epistemologia,

a metodologia e a ideologia. Para o autor, a epistemologia mostra que há impossibilidade de realmente conhecer o passado - que a discrepância entre História e passado é ontológica. No campo da metodologia o autor afirma que os historiadores desenvolveram métodos rigorosos que eles tentam universalizar das mais variadas maneiras. No entanto, os supostos alicerces conceituais são construções de um discurso em litígio, onde pessoas elaboram suas interpretações do passado para agradarem a si mesmas. Todo consenso só é alcançado quando as vozes dominantes conseguem silenciar outras, seja pelo exercício explícito de poder, seja pelo ato velado de inclusão e/ou anexação. (JENKINS, 2001: 29-43). “Ao fim , a História é teoria, e a teoria é ideologia, e a ideologia é pura e simplesmente interesse material.” (JENKINS, 2001:43).

Entendendo a história como sendo o que fazem os historiadores e que o que eles fazem é com base em frágeis comprovações, Jenkins afirma a relatividade da História e, não vê esta situação como negativa. Ao contrário, vê como uma possibilidade de jogar as velhas certezas no lixo. Isto ainda significa que:

“Desconstruirmos as histórias de outras pessoas é pré-requisito para construir-mos a nossa própria, de maneira que dê a entender que sabemos o que estamos fazendo - ou seja, de maneira que nos faça lembrar que a História é sempre a história destinada a alguém.” (JENKINS, 2001: 51).

A CIÊNCIA DAS SOCIEDADES HUMANAS.

Ao aceitar a afirmação de Fustel de Coulanges de que a História não é a acumulação de todos os tipos de eventos que aconteceram no passado, mas a ciência das sociedades humanas, Hobsbawm demonstra outra possibilidade para a História que vai além do discurso (HOBBSAWM, 1998:87).

Também partidário de outra concepção da História, Ciro Flamarion Cardoso demonstra que até a década de 1960, as teorias acerca das sociedades estavam dominadas por duas posições polares: “(...) 1) teorias que enfatizavam a integração social; 2) teorias que enfatizavam o conflito social.” (CARDOSO, 1999:2). No primeiro caso a sociedade é vista como uma soma de indivíduos. No segundo caso, a sociedade estaria baseada na dominação, exploração e na coerção.

Após este período, as posições acima mencionadas passaram a sofrer impacto de concepções originadas no final do Século XIX e desenvolvidas durante a primeira metade do Século XX. Estas influências têm origem em Freud e na psicanálise; em Lévi-Strauss e Roland Barthes no estruturalismo de derivação lingüística; e em Nietzsche, Heidegger, Husserl, Kierkegaard e Sartre.¹

A partir de 1968, intelectuais como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault e outros, rejeitaram o *status* de possíveis focos ao “eu” como o categorizava a fenomenologia ou a psicanálise. Tentaram anunciar o fim de várias possibilidades : de buscar a verdade, de um “eu” unificado, da fundamentação de sentidos inequívocos, de legitimação da civilização ocidental, de revolucionar em profundidade as estruturas sociais. (CARDOSO, 1999:6).

1 Ver sobre este ponto em : Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 14-23.

CARDOSO (1999:7), afirma que a atitude conhecida como pós-moderna desemboca na noção da morte do Homem. Isso, desde o impacto com a releitura de Freud feita por Jacques Lacan que achou que a relação entre sujeito e sociedade poderia ser pensada pelo simbólico e o imaginário.

“a ordem simbólica é a que confere significado e relaciona o sujeito com seu lugar na ordem social de outros sujeitos. A ordem imaginária é aquela em que o sujeito desenvolve uma consciência autocentrada. O real é uma presença ausente (...)” (CARDOSO, 1999:8).

Outro passo neste processo de mudança de paradigma foi dado por Foucault que observou o aparecimento do Homem como sujeito e objeto privilegiado a partir do discurso.

“A História é um discurso mutável e problemático (...) produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente (e que , em nossa cultura, são na imensa maioria historiadores assalariados) (...)” . (JENKINS, 2001:52).

Por meio do relativismo do sujeito e da própria História, Jenkins , caracteriza-se com o pós-modernismo, que na visão de Lyotard, este paradigma se caracteriza pela morte dos centros e pela incredulidade em relação às metanarrativas. Isso explicaria o assumido niilismo intelectual contemporâneo, com seu relativismo absoluto e sua convicção de que o conhecimento se reduz a *“processos de semiose e interpretação impossíveis de ser hierarquizados de algum modo que possa pretender ao consenso.”* (CARDOSO, 1997: 15).

Refutando tal idéia de que inexistam formas aceitáveis de escolher entre as interpretações e de que todas são válidas se satisfizerem aos critérios do autor e daqueles que com ele concordarem, CARDOSO (1997: 17-20), critica o pós-modernismo e/ou a Nova História. Apoiado em Robert Pippin e Callinicos, Cardoso chega à conclusão de que os pós-estruturalistas e pós-modernistas não souberam resolver os problemas que atormentaram os pensadores que, pioneiramente, formularam em pleno Século XIX uma crítica radical da modernidade; O anti-racionalismo típico da corrente, às vezes se acompanha de desleixo teórico e metodológico. Os pós-modernos costumam ser mais apodícticos e retóricos do que argumentativos e não se preocupam com a refutação detalhada e rigorosa das posições contrárias. *“ E como conciliar a negação do sujeito e do Homem com um método hermenêutico relativista que, na prática, descamba para o subjetivismo? ”* (CARDOSO, 1997:20).

Assim, embora Jenkins afirme que todos os discursos históricos se ligam a bases hierarquizadas de poder, o mesmo não permitiu que fosse encontrada a base de poder de seu próprio discurso. Isso de maneira geral entre os pós-modernos que denunciam a Ciência e o racionalismo como terrorismos a serviço do poder, uma vez encastelados em posição de poder, sejam mais tolerantes na prática, devido ao relativismo que, em tese, pregam, do que aqueles que criticam e combatem.

Jörn Rüsen também aponta deficiências centrais no pensamento histórico pós-moderno: 1º) acha que negar direcionamentos temporais globais, deixa de lado problemas como a devastação da natureza, armamentismo, etc. Em segundo lugar, lhe parece que a opção pelo cotidiano e pela micro-análise pode descambar para uma cultura histórica que

supervaloriza os sentimentos e cai no irracionalismo, no misticismo, abandonando os instrumentos críticos da razão. Finalmente, combate a tendência de negligenciar o trabalho teórico de apreensão conceitual da vivência histórica como um todo. (CARDOSO, 1997: 20).

CONCLUSÕES

Poder-se-ia dar continuidade às críticas elaboradas por Ciro Flamarion Cardoso aos adeptos da pós-modernidade. No entanto este estudo teve como intuito trazer à tona os atuais debates em torno da Historiografia - em se tratando dos adeptos da chamada pós-modernidade - e não, esgotá-los.

Neste sentido, cabe fechar esta discussão com uma contribuição fundamental de David Carr, que combate o relativismo extremo dos pós-modernos, para os quais o significado do social é visto como um texto abordado num relativismo culturalmente contextualizado.

“Volviendo a los textos narrativos como artefactos literários, ya sean ficticio o históricos, he tratado de demostrar (...) que tales narraciones deben considerarse eventos que ellos narran, ni mucho menos como una distorsión o una transformación radical de ellos, sino como una extensión de sus rasgos primarios. (...) nõ estoy de acuerdo en que la forma narrativa sea lo que se produce en estos géneros literários para imponerse en una realidade no narrativa (...).” (CARR, 1986:26).

Em outras palavras, a função da narrativa é prática antes de ser cognitiva ou estética, razão pela qual, longe de poder negar-se qualquer relação entre o discurso narrativo e a realidade, a narrativa histórica mantém relações necessárias e estreitas com o seu objeto social real. (CARDOSO, 1997: 21).

Ciro F. Cardoso se recusa a acreditar que erros e exageros do passado justifiquem erros e exageros atuais. Para ele, não existe a obrigação de passar do rigor formal e ilusório do cientificismo para uma *“busca interpretativa culturalmente contextualizada”*. O que significa apenas a possibilidade de escolha de teorias deterministas de estrutura ou teorias voluntaristas da consciência. Proclamar a morte do Homem como sujeito e objeto é , ao mesmo tempo, proclamar - *“como os neoconservadores já trataram de fazer a morte da História, múltiplos exemplos mostram que esta, (...) costuma enterrar os seus próprios covões.”* (CARDOSO,1999: 10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador.** In: *Diálogos*. Maringá: Eduem, v.03, n.03, 1999, pp. 01-28.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 01-23.



CARR, David. La narrativa y el mundo real: un argumento en favor de la continuidad. *In: Histórias.*, n.14, julho/setembro, 1986, pp. 15-27.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JENKINS, Keith. **A História repensada.** Trad. Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001, pp. 9-53.